



Facas Artesanais Como Expressões Folkcomunicacionais na Cultura Gaúcha¹

Luisa Ferreira de SOUZA²
Vinicius Mota da SILVA³
Fábio CORNIANI⁴

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

Resumo

Definiu-se como objeto de pesquisa as facas artesanais, delimitando em um cuteleiro residente na cidade de São Borja, entrevistado e que fez demonstrações de como é feita a restauração de facas. Este tende a explorar a comunicação transmitida pelo objeto em questão, que pode retratar desde o percurso histórico do povo rio-grandense, até a virilidade, honra e nobreza. E, ser mídia quando transmite de onde vem o cidadão, seus costumes, exercendo, dessa forma, seu papel folkcomunicacional.

Palavras-chave: Artesanato; Cutelaria; Facas Artesanais; Folkcomunicação; Gaúcho.

1. Introdução

O presente artigo tende a apresentar as características folkcomunicacionais referentes ao feitio e uso das facas pelo gaúcho, numa tentativa de especular qual a importância que o objeto representa ao homem do campo e da cidade. Para tal foi necessário a busca de informações sobre a arte da cutelaria, tanto no feitio das facas quanto na restauração de peças, dessa forma, buscaram-se informações com um cuteleiro conhecido na cidade de São Borja, da MF Facas Artesanais e Personalizadas.

Com ele foi possível conhecer melhor o trabalho desempenhado há anos, os tipos de facas mais procuradas pelos gaúchos – havendo diferença de acordo com cada região do estado –, os materiais usados para o feitio da lâmina, do cabo e da bainha, e, retomando o objetivo central deste trabalho, foi-lhe perguntado o quanto representa ao homem gaúcho uma faca.

Esta que por diversas vezes é assunto em rodas de conversa entre amigos, delimita-se o gaúcho, e em diferentes locais chamou-nos atenção para ser objeto de pesquisa e, principalmente, pela possibilidade de relacioná-lo com a folkcomunicação

¹ Trabalho apresentado no DT08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, email: luisasouza20@hotmail.com

³ Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, email: mota.vinicius_@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor Dr. do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIPAMPA, email: fabiocorniani@unipampa.edu.br



que segundo Jacqueline Dourado (2007), ao explicar Luiz Beltrão, afirma que o professor

[...] garantia que a comunicação não se dava somente através da grande imprensa: televisão, rádio e cinema. Que a comunicação não se limitava somente aos que eram dominadores da arte erudita e da ciência acadêmica. Beltrão dizia que, as conversas nas portas de rua, na barbearia, no barzinho, nas manifestações folclóricas podem provocar uma ação uniforme e eficaz na comunicação. Para ele, todas essas linguagens, muitas vezes desprezadas por aqueles que se dizem de alta cultura demonstram uma expressão de pensar e sentir que em muitos casos podem estar na contracorrente das classes oficiais e dirigentes. Quantas vezes ficamos mais bem informados sobre um assunto através de um cordel? (BELTRÃO *apud* DOURADO, 2007.)

A partir desta abordagem, pretende-se, então, retratar o a comunicação que é mantida a partir do objeto em questão e o que cada parte dele quer retratar, com o material utilizado ou com a bagagem histórica dela.

Para averiguações em torno da história do objeto, foi realizado um mapeamento dos museus locais e, também, realizou-se contato com o CTG Tropicilha Crioula. Assim, foi possível identificar a relevância do objeto ao povo gaúcho, principalmente ao homem do campo, retratando sua importância em diferentes trajes gaúchos – antigos – e, em museus, encontraram-se peças como rebolo – antigo afiador de facas –, cabos de facas, lanças e tesouras de tosquia – matéria prima para facas artesanais.

Ao considerar o exposto e unir aos conceitos de folkcomunicação, que “confere espaço de expressão às minorias marginalizadas pela hegemonia comunicacional” (MELO *apud* ALMEIDA E BRITO, 2008), dessa forma, dando destaque às abordagens realizadas acerca das facas, por grupos marginalizados da sociedade, como couteiros e, também, o homem do campo, o colecionador e o admirador desta por vezes, ferramenta de trabalho e outras como resgate histórico da cultura local. Que, ainda hoje, é considerada por um povo como honra e nobreza, pois, como diz Paixão Côrtes (1966) o “gaúcho primitivo desprezou a arma de fogo e a nobreza da luta estava no ferro branco”.

2. Como se dá o processo folkcomunicional em artesanato?

A folkcomunicação surgiu por estudos realizados pelo Luiz Beltrão, sua tese que trouxe à tona as teorias acerca da folkcomunicação teve início a partir de estudos realizados por Paul Lazarsfeld, que abordava o processo de comunicação entre grupos em duas etapas, ligando a informação (fonte) ao líder de opinião, assim, reinterpreta de



seu modo para o receptor comum. E, Beltrão partiu dessas ideias de Lazarsfeld, adaptadas e modeladas de acordo com a realidade brasileira. Segundo Oliveira, o autor

[...]se voltou para o estudo da comunicação popular, a manifestação espontânea dos grupos sociais. Daí o termo *Folk* – popular, espontâneo, irreverente diante de instituições e datas – e o termo comunicação, refletindo na transmissão, nas trocas, na difusão (Oliveira, 2010).

Assim, torna-se relevante o estudo do artesanato como um objeto folkcomunicação, pois, além de conseguir transmitir as características populares das regiões, sendo possíveis interpretações comunicacionais, tanto na forma como é difundido (vendido), quanto na forma com que é feita a peça. O artesanato se caracteriza pelo conjunto de técnicas tradicionais empregadas pelo povo. Em linhas gerais, é uma técnica manual na qual se vale o artesão. Esse profissional, de certo modo, é um artista, uma vez que dá origem a verdadeiras obras de arte. Reiterando, o blog *sobredesign* (2006) define o artesanato “[...] como um trabalho manual, exercido no âmbito doméstico, característico de certa região ou cultura local, de aparência rústica, de aspecto artístico associado à utilidade e não é produzido em série”.

O artesanato é definido como pertencente a uma área do folclore. Essa por si só, segundo o site de empreendedorismo (GERANEGOCIO.COM.BR, 2010) define-se a palavra folclore que

[...] se constitui pelos termos: folk que significa povo e lore que significa saber - Saber do povo. Portanto o folclore pode ser definido como o campo da ciência sócio-cultural que estuda o que o povo diz, o que o povo faz e o que o povo sente.

No presente artigo, a cutelaria estudada demonstra, de forma rústica, no esforço manual o tom artístico que é dado às peças. Isso traduz um valor especial em cada uma, e tido, em alguns casos, como artigo de luxo pelo trabalho empenhado, e também, por cada peça ter um caráter único.

Para finalizar, sobre o artesão, Rossini T. Lima (1976) destaca o “artista folclórico como um artista, e que ele não tem consciência de que produz arte e é só incluído na categoria de artistas pelos folcloristas que encontram no objeto de sua criação a predominância de motivos estéticos”.

3. O que uma faca artesanal pode comunicar?



O objeto de pesquisa apresenta-se importante ao homem sul-rio-grandense como forma de retratar a história deste povo peleador⁵, trazendo por hora, a Revolução Farroupilha, podendo, inclusive ter colaborado para denominá-la “farroupilha”, pois

[...] este foi um apelido dado aos gaúchos na luta contra o Império do Brasil. Como não tinham uniformes – e havia, inclusive, falta de equipamento exclusivamente militar para a luta armada, como armas e botas – muitos lutavam com roupas esfarrapadas, maltrapilhos, e levavam suas *adagas e facas* para a luta (CABRAL, 2010).

Entanto, o objeto sempre acompanhou o gaúcho para realizar as lidas campeiras, “chamada de carneadeira, chavasca, prateada, língua de chimango, ferro branco, choco, xerenga, seja qual for a denominação popular, a faca, o facão e a adaga estão incorporados à vida do homem do Rio Grande do Sul” (CÔRTEZ, 1966).

Ela é vista, citada e exaltada em muitas das manifestações culturais, na dança, com a “dança dos facões”, por exemplo. Centros Tradicionalistas com seus grupos de invernadas, comumente encenam a dança: ela começa de uma desordem, representa uma briga, e demonstra habilidades com a faca. Em ditos populares, como “gaúcho de faca na bota” e, ainda, “bueno como faca achada”, o primeiro representando a bravura deste povo e o segundo demonstrando que a faca é um utensílio de desejo. Na culinária ela é muito lembrada principalmente pelo churrasco, seja na hora de fazer, para bater a carne, por exemplo, ou na hora de degustar um “naco de picanha”.

Em livros, músicas e poemas a faca é lembrada, neste de SILVA RILLO (1978),

(...)Mas quando lá volta e meia
me entreverava em peleia
por honra ou obrigação,
afrontava qualquer risco
e essa faca era um corisco
brigando na minha mão(...)⁶

expressa, novamente, ela sendo usada como forma de proteção ao homem. Inclusive, nas regras do Movimento Tradicionalista Gaúcho, é proibido entrar em baile portando faca, e meninos menores de 18 anos não podem utilizar a mesma e, para maiores desta idade o uso é facultativo, sendo normal no traje de dança, muitas vezes, inclusive, para

⁵ Brigão, bom de briga. (OLIVEIRA, 2005.)

⁶ Fragmento de poema folkcomunicação – com termos de difícil compreensão para quem não faz parte da população local – que retrata o uso da faca e o sentimento gaúcho, escrito por um autor são-borjense.

segurar o pala, ou no caso da “dança dos facões”, estes são com lâmina longa, entretanto sem fio – para evitar acidentes –, cabo chato e de madeira.

Após um levantamento de dados acerca do objeto, com sua relevância histórica e onde é expressa a faca com suas conotações, lembra-se, então, de sua funcionalidade e o que cada detalhe dela quer transmitir. Define-se, então, como a fonte de dados, o cuteleiro Mario Fraga, com seus conhecimentos acerca do objeto, juntamente com pesquisas realizadas.

Neste momento, define-se os tipos de facas mais utilizadas pelo gaúcho, a estilo campeira (Figura 1), de 33 centímetros, aproximadamente, definida como multifuncional, muito utilizada para o churrasco. Com cabo tala ou chato, feito de chifre ou madeira, normalmente.



Figura 1 - Faca Campeira

Outro tipo de faca utilizado é o estilo carneadeira (Figura 2), cujo nome é auto-explicativo, nas lidas campeiras ela é tirada da “guaiaca” (cinta) para carnear, tirar a pele e destrinchar o animal; é mais larga que a anterior, e mais curta.



Figura 2 - Faca Carneadeira

Também, entre as preferências dos gaúchos está o facão, este que não é utilizado na cintura, com ele é possível realizar serviços em geral, como abrir mato, roçar, e é mais utilizado do que as facas, por sua funcionalidade, como foi-nos dito na entrevista, “toda casa tem um facão, e o homem do campo nunca sai pro campo sem uma faca ou um facão, é parte da indumentária deles, é considerado um instrumento de trabalho, é

útil”. O facão (Figura 3) é comprido e largo, com cabo que possibilite maior empunhadura.



Figura 3 – Facão

O artesanato realizado pelo couteleiro é desempenhado de forma rústica, diferente de outras práticas artesanais como, bordado, renda que são feitos com delicadeza. O objeto em questão, que transmite virilidade, é rudimentar, e a forma com que é construído, não poderia ser diferente, para o feitio e restauração de peças é necessário passar por etapas como destemperar o material da lâmina, bater, recortar, formatar, retemperar, polir, encabar – onde entra a arte, em detalhes que valorizam a peça e na montagem – e, por fim são afiadas.

Dentro do próprio estado, é possível haver gostos diferentes pelas peças, esta variação se dá de acordo com a região onde o homem mora. Segundo Fraga, o homem da fronteira prefere as facas mais tradicionais, usam a faca carneadeira, pois a maioria dos consumidores vivem na lida campeira também, o que difere do homem do centro do estado que usa as campeiras, e ainda, os da capital, que, na sua maioria, são colecionadores ou, apenas admiradores, que gostam é das facas mais bonitas.

Outra distinção feita ao gosto pelas facas se dá à quantidade de informações que o gaúcho sabe sobre as facas, a história e o conhecimento das marcas, o couteleiro salientou, várias vezes, sobre as marcas Scholberg e Solingen, a primeira de fabricação belga e a segunda, alemã. As “Scholberg” são consideradas ainda hoje como o sonho de todo gaúcho conhecedor de faca, estas marcas exportavam as lâminas, apenas para a região do Rio Grande do Sul, parte da Argentina e para o Uruguai. E as Solingen, eram consideradas as facas da classe média, com preço um pouco mais acessível.

As especificidades, desse objeto transmissor da comunicação regional, se dá pela origem do material que compõe cada peça, atribuindo maior valor pela dificuldade de ser encontrada ou pelo trabalho atribuído aos detalhes e, por fim, ao custo da matéria prima também.

3.1. Lâmina

Para construção das facas um item de grande importância é a lâmina, sendo o seu formato fator para determinar cada tipo de faca. Nela está conferida a durabilidade e utilidade quanto objeto de lida campeira. Entre os formatos e matérias primas mais típicas, além do inox da faca de cozinha, estão: a lâmina derivada da mola de carro ou caminhão, do disco de arado, da tesoura de tosquia e lâminas de aço. De acordo com o Cuteleiro Mario Fraga as lâminas de mola de veículos e tesoura de tosquia – muito utilizada para churrasco – são as mais difíceis de serem adquiridas, em função disso, acarreta o encarecimento dessa peça. Segundo o site Facas Antigas (2010),

a transformação das tesouras em facas é tarefa trabalhosa e requer bons conhecimentos na área de Cutelaria. No seu formato original tem curvatura no sentido da ponta e do dorso para o fio e não apresenta toda a dureza que essa nomenclatura de aço pode oferecer, por desnecessário para tesouras (FACAS ANTIGAS, 2010).



Figura 4 - Matéria prima para Lâminas

3.2. Cabo

Há uma enorme variedade no que se refere à quantidade de estilos, dos mais variados gostos e finalidades, no estado do Rio Grande do Sul é mais comum o uso da *Guajuvira* e do Pau-Ferro (madeira). Outros tipos comuns, também, no estado Gaúcho são faca com cabo de chifre de gado e cervo, como também, cabo de alpaca e prata.



Figura 5 - Cabos de diferentes materiais

3.3. Bainha

Serve como proteção para a lâmina, ajudando no transporte seguro do utensílio. Os modelos mais usados são os de couro – que é trabalhado apenas por um Guasqueiro – de sola de borracha, até as mais sofisticadas de alpaca e prata.

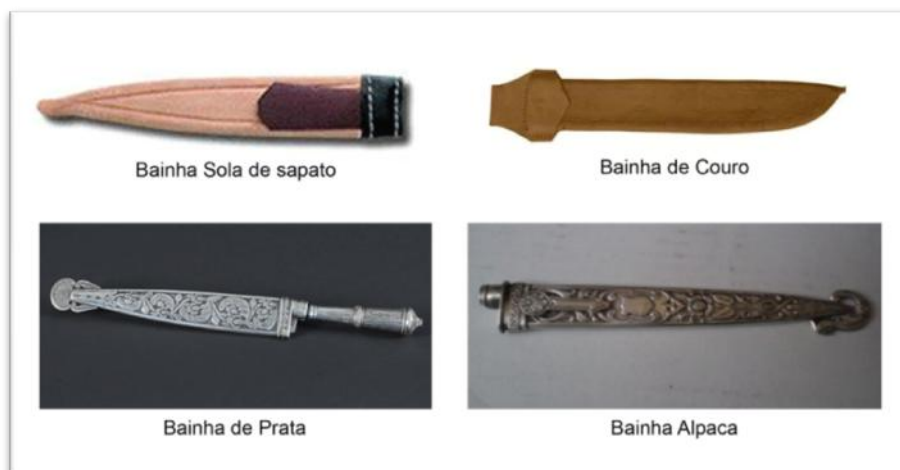


Figura 6 - Bainhas de diferentes materiais

4. Considerações Finais

Após as análises realizadas, as entrevistas feitas e a pesquisa acerca do objeto e do tema, folkcomunicação, foram possíveis identificar onde ocorre conexão entre os

assuntos e, principalmente, na forma como eles estão ligados e como se reiteram. Nas abordagens de folkcomunicação, definida por CORNIANI, segundo BELTRÃO,

(...) identificando o processo folkcomunicacional: uma fonte transmite uma mensagem através de um canal, que no processo é representado pelos meios de comunicação de massa, chegando até uma audiência, onde estão contidos os líderes de opinião, estes intitulados por Beltrão como Líderes-comunicadores. Em um processo comunicacional padrão (fonte-mensagem-canal-receptor) o fluxo pararia por aqui. Mas no processo folkcomunicacional, neste ponto inicia-se um novo ciclo no fluxo da mensagem. Os líderes se tornam comunicadores e transmitem uma mensagem através de um canal folk, chegando então ao que Beltrão intitulou de audiência Folk. Este processo pode ser melhor representado através da Figura 7 (BELTRÃO *apud* CORNIANI, 2010).

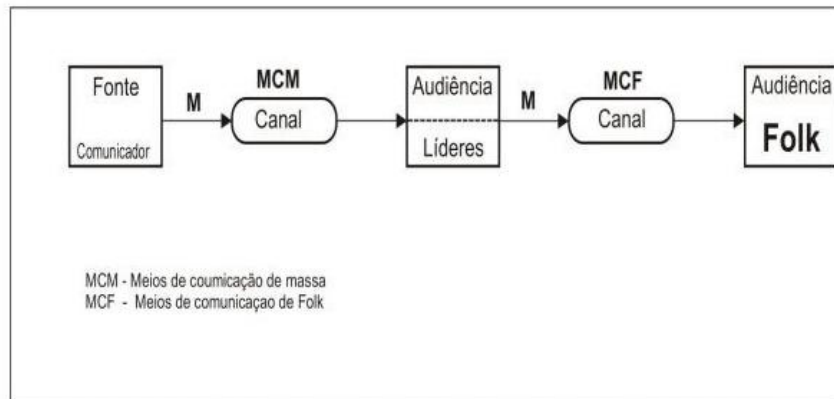


Figura 7 - (Fonte: CORNIANI, 2010)

Dessa forma, ao trazer a faca artesanal como objeto, para estudos folkcomunicacionais, identificou-se a possibilidade de construir um processo folkcomunicacional como o explicado acima, por CORNIANI (2010), identificando a cultura do estado do Rio Grande do Sul como a fonte, e o meio pelo qual esta cultura é transmitida, como os ditos populares, as músicas, poemas, entre outros citados anteriormente no decorrer do artigo, chegando então, ao líder de opinião, o detentor das informações técnicas do feitio da faca, o couteleiro – ele o responsável por “gravar” um pouco da cultura gaúcha em lâminas de aço e cabos de diferentes matérias –, em seguida, a faca artesanal torna-se o canal, o meio de comunicação Folk, e chegando à audiência Folk, ou seja, o homem gaúcho – seja ele do campo ou da cidade, colecionador ou, simplesmente, admirador da cultura local.

Reitera-se, ainda o processo folkcomunicacional, por observar, também, que a partir da comunicação estabelecida pela faca é possível caracterizá-la como mídia – o



meio – capaz de transmitir a posição social, o conhecimento que a pessoa tem sobre o assunto, a origem – do campo ou da cidade – e, por fim, seus costumes e, de repente, o trabalho desempenhado por ele. Além disso, identifica os homens admiradores da história rio-grandense e do valor dado a uma faca, pois, “com a faca o gaúcho falquejou a própria história do Rio Grande” (CÔRTEZ, 1966).

5. Referências

CABRAL, Vinicius. **A Revolução Farroupilha.** Disponível em: <<http://www.historiazine.com/2010/03/revolucao-farroupilha.html>>. Acesso em: 19 jan 2011.

CORNIANI, Fábio. **Afinal o que é folkcomunicação?** Disponível em: <<http://www.folkcomunicacao.com.br/folk.pdf>>. Acessado em: 15 jan 2010

CÔRTEZ, J.C. Paixão. **Os gaúchos de faca na bota.** Disponível em: <<http://www.paginadogaicho.com.br/indu/gfb.htm>>. Acesso em: 20 jan 2011.

Destaque especial na Cutelaria Gaúcha. Disponível em: <<http://www.facasantigas.com.br/principal.html>>. Acesso em: 20 jan 2011.

DOURADO, Jacqueline Lima. **Você sabe o que é Folkcomunicação?** Disponível em <<http://www.cabecadecuia.com/noticias/10280/voce-sabe-o-que-e-folkcomunicacao.html>>. Acesso 15 Jan 2011.

OLIVEIRA, A. J. **Dicionário gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades.** Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=8oz2QZsQDRsC&pg=PA126&lpg=PA126&dq=faca+significado+gaicho&source=bl&ots=ny_D51_kjk&sig=Y0gs7aBN8VJIHdyhvLcwr0ZE-ig&hl=pt-BR&ei=-aMtTf-VIML48Aa0t9SpCQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=4&ved=0CCwQ6AEwAw#v=onepage&q=adaga&f=false>. Acessado em: 18 jan 2011.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. **Diretrizes para a pilcha gaúcha.** Disponível em < <http://www.mtg.org.br/diretrizes%20para%20pilchas%20e%20encilhas.pdf>>. Acesso em 18 Jan 2011.

MELO, José Marques. **Luiz Beltrão: pioneiro dos estudos de folk-comunicação no Brasil.** Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/melo-marques-LUIZ-BELTRAO.html>>. Acesso em 15 Jan 2011.



QUEIROZ, Carolina et al. **Folkcomunicação: Uma forma viva de se comunicar**. Disponível em: <
http://www.carloskuntzel.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=202&Itemid=1>. Acesso em 15 Jan 2011.

RILLO, Apparicio S. Velha Faca *in* **Cantigas do Tempo Velho**. Martins Livreiro Editor. 1978.

SOBREDESIGN. **O que é Artesanato?** Disponível em: <
<http://sobredesign.wordpress.com/2006/09/14/artesanato-e-design/>>. Acesso em 20 Jan 2011.